

A Carta e o sonhoⁱ

A mulher dormia um sono leve e agitado, como se os pensamentos corressem por uma estrada e o corpo ficasse para trás. Escutava a voz dos adolescentes que insistiam em conversar perto da sua janela. Preocupava-se com os filhos, que poderiam estar descobertos e com frio. Foi quando sentiu mãos trêmulas e geladas puxarem-lhe os pés.

Era alto, pouco cabelo, tinha uma pequena corcunda logo abaixo do pescoço. O rosto oval, lábios carnudos e óculos. Semblante sério, mas sereno. Trocaram olhares e ela, que, de algum modo, aguardava a inusitada visita, puxou a conversa, indo direto ao assunto. Queriam saber sobre uma carta escrita por ele em 07 de abril de 1928, enviada a Manuel Bandeira. A carta havia sido publicada pelo próprio Bandeira em 1958 sem alguns parágrafos. O conteúdo suprimido era objeto de especulações e teorias a respeito da vida sexual do autor.

– Quem queria? E por quê? – questionou o morto.

Naquele instante, os dois se sentaram na beirada da cama, lado a lado. Alternavam olhares para o chão, para as janelas – através delas passava a claridade dos postes acesos na rua – e de um para o outro, torcendo para que seus olhos não se encontrassem. Eram estranhos, afinal. Ela havia lido Macunaíma e estudado sobre a Semana de Arte Moderna de 1922 no colégio, mas, afora isso, não conhecia a obra de Mário de Andrade, tampouco sua biografia.

Notou a indiferença com que ele lançou as perguntas e imaginou que era apenas sua maneira de dar continuidade àquela conversa.

– Suas perguntas não vêm ao caso. Nos dias de hoje – explicou-lhe – a lei diz que documentos arquivados pelo Estado são, em regra, públicos. O segredo, para ser

guardado, precisa de fundamento. Por isso, se o senhor acha que a carta não pode ser revelada, precisa me convencer – disse ela quase como um pedido.

O morto começou a falar sobre sentimentos que lhe passaram enquanto redigia a carta; sobre o sofrimento de se sentir vulnerável ao olhar do outro, especialmente em uma relação de amizade tão sincera como a que cultivara com Bandeira.

Apesar de transgredirem nas artes, muitos modernistas obedeciam ao conservadorismo dos costumes sociais. Por isso, expressou que sentia, à época, receio de que seu trabalho fosse, de alguma forma, desprestigiado, devassado, não por suas características estéticas, mas por ele ser quem era no seu íntimo. Seu trabalho literário era um apelo para ser lido e visto; e parecia-lhe ridículo e assustador que sua vida particular pudesse afetar o modo como seus leitores e seus amigos avaliariam seus textos, sua poesia.

Ao mesmo tempo, tinha clareza de quem era em sua intimidade, o que lhe dava certo alento. Não reprimira seus desejos e sentimentos, não! Havia – como sujeito estudioso e observador que era – aceitado sua condição.

Explicou a ela que, naquela história, preservara o que lhe era caro e particular lançando mão de uma segunda vida, a social. Não era careta; fazia, por meio da literatura, sua crítica à hipocrisia da época, à falsa devoção a uma moralidade sexual imposta. Mas, para isso, criava fatos e personagens. Parecia-lhe cruel e desnecessário que fosse ele tomado pela vida social como personagem, sujeito a falatórios, julgamentos, escrutínios.

Estava confortável com a realidade de ser quem era em sua primeira vida, a vida privada, mas incomodado com o fato de sua sexualidade ser um assunto da vida social – dos outros. E, naquela carta, como em outras, confidenciou a seu amigo – ele

próprio parte essencial da primeira vida – a angústia de se ver como um assunto da segunda.

– Pois hoje suas vidas se misturam ainda mais – disse ela. Muito se especula a respeito da carta. Teria o senhor tratado abertamente sobre sua homossexualidade? De que forma?

– Abertamente?! Se tratei, foi numa carta confiada a um amigo íntimo!

– Justo. Voltemos ao ponto: aqueles que defendem que se trata de um documento público falam sobre sua importância para os pesquisadores compreenderem aspectos culturais da época e elementos de sua literatura. Aqueles que, ao contrário, advogam que deve permanecer em sigilo, o fazem sob a alegação de que o documento traz informações pessoais e, como tal, seria, segundo a lei, de acesso restrito por 100 anos, a partir da sua elaboração.

– Por “documento” você se refere à minha carta, certo? – falou, encarando-a com as sobrancelhas alçadas.

Ela respondeu que sim e continuou com aquela conversa de lei, explicando-lhe em tom professoral que informações pessoais são aquelas que dizem respeito à intimidade, à vida privada, honra e imagem das pessoas. São informações capazes de revelar a personalidade, as concepções políticas, opções de convivência, entre outras características que possam expor uma pessoa a julgamentos, discriminação, ou a influir no modo como deseja ser vista pelos outros.

– Sim, e o que a sua lei diz sobre esse impasse?

– Diz que a restrição de acesso a informações pessoais não pode ser invocada quando o que se quer conhecer é necessário à recuperação de fatos históricos de maior relevância.

– E as minhas escolhas sexuais podem ser consideradas como “fatos históricos de maior relevância”? Estou certo de que seriam fatos de menor relevância!

– Mas, veja bem: a família de Manuel Bandeira doou as cartas que o senhor escreveu a ele para um arquivo público. Essas cartas foram tratadas, guardadas pelo arquivo, com o uso de dinheiro público, para preservar a memória de uma época e possibilitar que estudiosos da literatura e da história realizem pesquisas – disse ela, já com certa convicção.

Ele permaneceu em silêncio, absorto com o reflexo de uma luz amarela, vinda de um carro que passava na rua e que refletiu, por alguns instantes, na parede do quarto.

– E tem mais: repito que suas vidas, nos dias de hoje, se misturam. Morto, o senhor passou a ser um personagem da história e da literatura nacional. Revelar a vida privada do protagonista é conhecê-lo por inteiro! O que quero dizer é que, no mundo de hoje, o reconhecimento de sua vida particular é importante na busca pela igualdade de direitos e pelo fim da discriminação contra homossexuais.

O morto olhou para baixo; respirou fundo. Voltou seu olhar para ela e, de modo generoso, falou, segundos antes do despertador tocar:

– Parece-me que já tem sua resposta....

ⁱ Baseado no pedido de acesso à informação nº 01590.000162/2015-1, mediante o qual a Controladoria-Geral da União determinou à Fundação Casa de Rui Barbosa, em 15 de maio de 2015, que concedesse ao autor do pedido acesso a uma carta escrita por Mário de Andrade para Manuel Bandeira em 07 de abril de 1928.